

QUINTA-FEIRA
Lisboa--4 de Agosto-1927

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

63



sempre
fiVE semanario
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFFICINAS
TEL. T. 152, 153
RUA DA ROSA, 15

Horticultura



Lá haver, ha... mas estão verdes.

(Boceto de Raphael Bordalo Pinheiro, publicado n' *A Parodia*, de 14 de Julho de 1904).



Os ditos da semana



Anda o mundo maravilhado com coisas que não tem nada de extraordinário. A humanidade gosta de andar de boca aberta, embasbacada de assombro, perante aquilo que a sua imaginação fantasia e que, na realidade, são as coisas mais naturais, mais corriqueiras deste mundo.

A aviação põe um *ah!* de espanto na boca de toda a gente, como se fôsse mais difícil andar pelo ar do que pelo chão, sem perigo de atropelamentos nem de maus encontros com amigos velhos, que às vezes chegam a custar-nos cinco escudos e mais.

O gramofone ainda hoje assombra os felizes mortais que o ouvem falar e cantar e tocar musica. Raça de imbecis que não compreendem que, para isso, exactamente, se fizeram os gramofones. Extraordinario, maravilhoso é que nós falemos, nós que não temos rodas, nem manivela, nem corda, nem agulha e que, a respeito de discos, nem temos muitas vezes na algibeira um unico desses discos metallicos a que as gentes, na sua ignorancia crassa, costumam chamar *cum quibus*.

E a telegrafia sem fios!

Ah! Que estupenda descoberta! Como ha ingenuos que pasmam:

—Falar dum ponto para outro sem fios!...

Fantastico era que se falasse por arames e que as palavras não se perdessem, não se enrodilhassem. E as palavras passavam, mas os canarios não passam atravez dos arames da gaiola.

Tambem nós não temos um fio da nossa boca para os ouvidos dos nossos amigos e eles ouvem-nos perfeitamente. E não queiram argumentar com as ondas hertzianas. Ainda elas não tinham sido descobertas e já, no principio do mundo, o pai Adão se fazia ouvir pela mãe Eva. Cantigas...

Que assombro, a electricidade! Uma verdadeira maravilha era o candieiro de petroleo, sem maquinas, sem fios e só com uma torcida a

dar luz á gente. Uma agua a arder!

E a campainha electrica, que a gente carrega aqui num botão e vai tocar lá no fim da casa! Olha a novidade! Tambem a um gato se lhe aperta a ponta do rabo e mia na ponta do focinho.

Agora está uma nação inteira de olhos postos naquelles pandegos que vão ao Brasil num barquinho a remos.

Grande façanha! Foi o mesmo que fez o senhor Pedro Alvares Cabral, e esse ainda não sabia bem onde o Brasil ficava.

De barco e a remos tambem nós lá iamos se não fôsse o enjôo e o mal que nos faz a agua salgada. A pé é que nós os queriamos vêr, não era

assim, que quem anda é o barco e eles é que são os heroes. Mas isto é um pais de idiotas com propensões para o assombro, e afinal todas essas maravilhas sobrenaturais, que não maravilham ninguem, as reduzimos nós a zero nestas bem alinharradas regras.



O tempo anda ás avessas. Já não ha verão nem inverno. O tempo faz o que lhe dá na gana. Não dá contas a ninguem, a ninguem pede conselho. As leis não se respeitam; reina o arbitrio. O calor aperta, um calor de rachar pe-

dras e de fazer suar as estopinhas, mas não ha verão. Os dias claros, de céu alto, alegres, desafogados, desapareceram. Promessas de bom tempo são aos centos. E' rara a manhã que não surge radiante como a formosura do sr. D. Manuel nos primeiros tempos do seu reinado, mas ainda não vai meio dia fóra, já o tempo começa a fazer carrancas. Ninguem está contente, mas o tempo mantem-se na sua teimosia de continuar a ser mau tempo.

A gente bem lhe diz que se vá embora, mas o tempo fica.

Reunem-se os deuses em concilio e proclamam: «Isto vai mudar» — mas continua tudo na mesma.

Chove em Agosto como em Março e nem ao menos o *palhinhas* tem o seu reiuado assegurado.

Ninguem entende o tempo. Ninguem sabe o que ele quer, nem o que tenciona fazer no dia seguinte. Anda ás avessas e fóra das marcas, mas, justamente porque é o tempo, vai passando e vai ficando sempre, eternamente, ao contrario dos infelizes mortais, que quando passam desaparecem.

Vão lá entendê-lo.

Parece que o tempo anda a brincar aos politicos.



A Romenia vê-se a braços com uma crise de abundancia de reis. Apenas um morreu, logo surgiram dois. Um reina em Bucharest, atravez do filtro dum conselho de regencia. O outro anda a reinar em Paris e a anunciar ao mundo que, se o chamarem, se apresenta, sem demora de um instante, para cingir a corôa.

Ha um pai que disputa a corôa do filho, e um filho que detem a corôa do pai.

Não são bonitas estas questões de familia por uma corôa. Se o caso se desse entre nós, onde faltam os reis, depois que abolimos os cinco reis e o cambio subiu, dava-se uma corôa a cada um para nos deixarem em paz.

Sir Lancelot Carnegie



Depois do belo retrato de Laszlo, a horrenda caricatura de Valença! O que se pode chamar um desenho para ingles, não vêr, ou para vêr apenas nele a homenagem do SEMPRE FIXE. «Always» fixe.

HUMORISMO NO ESTRANGEIRO



Que aconteceu naquele grupo?
—Foi um cliente que, depois de tomar o gelado, ficou doente.
—Você disse-lhe como o gelado é feito?



—Se não me correspondes, atiro-me á água!...



Aconselhamos aos pais de família esta medida de precaução.



—Por dois mil marcos, escrevo-lhe uma musica para a sua revista, que vem abaixo o teatro.
—Se me garante que vem abaixo o teatro e que o senhor dirigirá a orquestra, está fechado o contrato.



—Muito obrigado, cavalheiro. O senhor é um homem amavel.
—Sou sempre. Não sou daqueles que só oferecem o seu lugar ás mulheres bonitas...

COISAS FEITAS NO AR

DE COMO SE ROUBA UMA MISSA

Os senhores que, pelos jornais, sabem que se roubam carteiras, relógios, correntes e toda a sorte de objectos, nunca lhes passou pela mente que uma missa poderia ser roubada com igual facilidade.

Eu lhes conto um caso recente:

«Alguns rapazes da nossa aviação, propuzeram-se realizar um roubo que, não sendo grande, era, todavia, alguma coisa de importante. E partiram.

A certa altura, avião e tripulantes não davam acôrdo de si. Todos os julgavam mortos.

Dum sentimentalismo piegas, o povinho parava junto dos placards e comentava amargamente o desaparecimento dos moços aviadores.

Mas...

Já quasi ninguém pensava neles quando a nova surgiu de que tinham aparecido.

Houve gente que rejubilou.

Subiu então á cabeça do director dum jornal diario a lembrança, que era um autentico tiro em giria jornalística: uma missa em acção de graças pelo aparecimento dos aviadores.

O diabo é que, ninguém pensou em ir á igreja, marcar *d'après l'habitude*, a missa ao prior.

E as noticias continuaram aparecendo no jornais, afirmando-se—e com verdade—que o sexteto do Cinema Condos «se oferecera gentilmente para executar alguns trechos de musica durante o acto».

Na vespéra da missa, o director do jornal encarregou-me de ir á igreja marcar a missa e a casa do padre que a havia de celebrar.

Falo ao padre. Resposta: — «Não posso ir!» Caf das nuvens!

Fui á igreja. Fala ao prior, que me responde:

—«Não tenho sacerdote para celebrar a missa».

Trabalhos sem conto, suores, canceiras dum raio e cheguei á noite... e padre, nem eu.

Eu ria perante o fiasco porque convites se havia enviado a todos os ministros do gabinete de então, autoridades civis e militares, aviação, etc.

No dia seguinte, isto é, no dia marcado para a missa, ás 7 e meia da manhã, já estava na rua... á procura dum padre.

Uns, já tinham celebrado missa, outros, iam fazê-lo, outros tinham desjejuado...

Bem, dizia eu—não se realiza. O diabo é o fiasco!...

Consigno, porém, saber que para a hora marcada para a missa dos aviadores, havia uma outra... por alma dum senhor que morreu ha quarenta e um anos.

Sabida a morada da familia, eu e o director do jornal, que não via o caso a sério e gargalhava, subimos a escadaria duma casa perto da Baixa. Um cartão de visita e minutos depois eramos recebidos numa salinha elegante.

—V. Ex.^a, disse eu, manda hoje celebrar uma missa á 11 horas. Nós somos jornalistas e estamos apoquentados...

disimos, porque anunciámos para essa hora e na igreja onde V. Ex.^a manda celebrar a sua, uma missa em acção de graças pelo aparecimento dos aviadores... Mas não temos padre porque o *nosso* á ultima hora *adocceu*.

—Não percebo, diz-nos o dono da casa.

—Eu digo a V. Ex.^a: V. Ex.^a cede-me o seu padre. E a sua missa... realiza-se amanhã ou depois...

—Não senhor. Não pode ser! Minha mulher, manda celebrar esta missa ha 41 anos por alma do pai. Já vê que...

—Mas... Veja V. Ex.^a a nossa strapalhação. Fizemos já convites para os minitros, etc., e ás 11 horas está tudo na igreja.

—Não sei. Não sei. Resolvam os senhores como quiserem.

Descemos as escadas desapontados.

Puzemos gente ao nosso serviço.

Uns foram ao Patriarcado, pedir de emprestimo um sacerdote. Outros, a casa dum padre que já não diz missa ha dez annos.

Tudo baldado!

Ás 11 menos 5 estava a tal familia na sacristia. O sacerdote envergava já os paramentos do dia.

Voltamos a solicitar a missa, mas desta vez a uma senhora.

—Que não! Que não! E a igreja enchia-se.

Para a missa por alma do tal senhor estavam meia dúzia de pessoas; para a nossa, contenas.

No altar-mór o ministro da Marinha, um general e muitos officiaes aviadores.

Sai da igreja e vim para a rua, para não assistir ao escandalo. Mas resisti pouco tempo. Voltava a entrar na igreja pela porta principal, quando o padre se dirigia ao altar.

O sexteto rompe com uma marcha heroica.

O director do jornal ajoelha; o ministro segue-lhe as pisadas.

A familia do morto começa de protestar.

Dizia uma menina indignada:—Oh! mamã. Uma missa de alma com musica! Ail pobresinho do avô!

A mamã:—Que pouca vergonha!

E toda a igreja murmurava.

O ministro olhava de soslaio o director do jornal; este fingia-se alheado a tudo.

O caso é que a missa chegou ao fim. Foi tudo embarrilado.

Mas para que a coisa seguisse, o director, muito apuradado, acompanhou o ministro á porta da igreja.

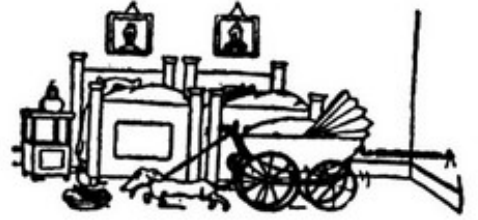
Cumprimentos, fotografos das gazetas, gente parada e... no dia seguinte os jornais com clichés da missa... em acção de graças.

A familia do morto é que se não cançava de protestar. Mas houve por bem calar-se, quando alguém lhe disse:

—V. Ex.^a tiveram uma missa concorridissima mercê de nós... e ainda protestam?!...

Luis Figueira.

HUMORISMO NO ESTRANGEIRO



Invenção pratica para adormecer o menino.



—O Mario tem férias e eu não!...
—Como é isso possível?
—E' que eu ainda não vou á escola...



—Mamã, tu tens ondulação permanente?
—Porquep reguntas isso?
—Porque talvez tambem eu pudes-se ter o pescoço permanentemente lavado.



—Querias uns sapatos para o meu pequenito.
—Que medida calça?
—Nenhuma. Até agora, o anjinho tem andado descalço.



—Quem comeu três alperces. Aqui estão três corçoços.
—Isso é a prova de que não fui eu, papá.



!! Não queira ficar assim !!
USE A VITELINA-VITERI
TONICO AMARELO
Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos
FRASCO 6000
Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.
R. dos Fanqueiros, 84. 1.º D. Lisboa

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

A *Madragôa* acabou antes de tempo. Quasi que não chegou a entrar no fado. E daqui quem sabe, talvez se arrependesse... Ester Leão, a primeira varina, vendeu rapidamente o seu peixe e passou-se para Madrid, feita nova-rica. Justina de Magalhães, chamada para a substituir, apregooou mais forte — mas sem resultado.

Quando estavamos a apreciar as competencias das duas mercadorias vocais, fechou o Apolo.

Não admira. Nem todas as vozes chegam ao céu!...

■ ■ ■

A companhia Lucilia Simões-Erico Braga bate o *record* dos casamentos.

Agora mais dois: o de Samwel Diniz com Adelina de Campos e o de Mario Santos com Dinah Stichini.

Os bons exemplos frutificam...

■ ■ ■

A *estrela* Lina Demoel faz a sua festa no sabado, com um quadro novo que amplia o *Cosido á Portuguesa*.

Mais um bom prato da revista que se recomenda ao publico, por ser dia de anes daquela artista. Pelo menos — no teatro!

■ ■ ■

PARECE que a emigração teatral para o Brasil está diminuindo sensivelmente. Dantes toda a gente queria ir. Agora—só por muito favor, Mudaram os tempos e os ventos!...

Araujo Pereira e Antonio Pinheiro



A saída dos mestres para as praias

OS teatros estão todos a fechar. As cadeiras já não suportam mais moscas.

Resultados do calor ou efeitos dos grandes sucessos—a seco?

■ ■ ■

HA um actor de comedia que se vai dedicar á opereta.

Parece que a actriz Ester Leão está fazendo escola...

■ ■ ■

vo que amplia o *Cosido á Portuguesa Fantastico*.

Ora graças, sr. Bacelar!

■ ■ ■

ESTA a banhos, nas praias do norte, a *tournee* Ilda Stichini. A interprete do *Centenario*, farta de fazer travestis, opinaria pelos *maillots*!

■ ■ ■

A *Luva Branca* não é tão imaculada como parece. A graça faz estalar um pouquinho as costuras da moralidade.

Que admira! Anda para ahi tanta gente com remendos...

■ ■ ■

O Eden-Teatro vai fazer opereta popular.

Anuncia o *Arco do Cego*. Mais um monumento bairstal!

O Homem das 5 horas



— Mau, lá vou ser obrigado a dormir na cama da criada.

A NOVELA DO "FIXE"

O DIVORCIO ABORTADO

D. Antonia Fortes Valente e José Valente Calado são dois esposos que, por não viverem como deviam, isto é, como Deus com os anjos, resolveram divorciar-se.

A causa, foi grave para chegar a este termo.

Portanto, procuraram o seu advogado, expondo-lhe as razões e os motivos e pedindo-lhe os seus conselhos da forma mais rápida para se arrumarem as coisas.

—Façam favor de entrar, diz-lhes o advogado, já farto de ouvir as altercações do casal na antecâmara.

—Ora queira dizer de sua justiça, diz ao Calado o advogado.

—Sr. doutor, eu e ela estamos casados ha vinte anos e tenho tido a desgraça de ela nunca me obedecer.

—Deixe-o falar, sôr doutor, diz a esposa.

—Perdão, minha senhora, deixe falar seu marido.

—Pois é verdade, sr. doutor, a minha mulher sempre fez o que quiz e não me obedeceu nem uma só vez na vida.

—E' mentira, sr. doutor, interrompeu a mulher.

—Eu ainda não lhe dei a palavra, minha senhora.

—Então eu não posso falar? Então que justiça é esta que quer as mulheres caladas?

—Acalme-se, minha senhora. A minha missão é vêr se conseguimos chegar a um acôrdo.

—Qual acôrdo, qual diabo?

—Sr. doutor, disse o marido, se eu disse a V. Ex.ª que minha mulher nunca me obedeceu, é pouco. Ela é uma criatura que, por dá cá aquela palha, espirra mais do que o carvão do sôbro das «Subsistencias». Outro dia tínhamos uns convidados em casa, para jantar. Pois bastou que eu lhe fizesse uma observação por causa do tempero da sopa para que ela fizesse uma berrata terrível! Incredível e sabe o que ela me disse? Disse-me assim:—«O' Calado, olha que se dizes mais uma palavra, eu prego-te com a terrina nas ventas.

—Atira-a lá, se és capaz? disse-lhe eu.

E vai ela partiu-me a cabeça, partiu a terrina, partiu dois copos e fez com que os meus convidados partissem!

A estas palavras, o advogado entrou a matar:

—E vem o senhor aqui com lérias dizer-me que a sua mulher nunca lhe

obedeceu! Então você não lhe disse:

—Atira-a lá, se és capaz? E ela só fez, é claro, o que o senhor lhe mandou...

—Ora ainda bem que já começa a haver justiça em Portugal, retorquiu a esposa.

—Meu caro amigo, diz-lhe o doutor, para a outra vez mais prudente. Por hora não tem razão de queixa...

—Desobediente é ele, tornou a mulher. Quantas vezes eu lhe tenho dito:—«O' filho, vai-te matar!...» E ele ainda não se matou!... Na antecâmara, ha pouco, mandei-o despir... E ele não se despiu; fez bem, porque o mandava prender...

O Calado, nesta altura, estava mudo...

—Ora oiçam cá, diz-lhe o advogado—você estão para ahí a arengar queixas quando são muito mais felizes do que eu... Oiçam: vou-lhes contar uma scena que se passou comigo e que tem uma certa semelhança com a vossa. Na semana passada, convidei para jantar comigo um companheiro da minha infancia que minha mulher nunca ponde tragar. Minha mulher, no fim do jantar, por um futil pretexto, começou a discutir comigo. Depois do celebre dize tu, direi eu, ela puxou para junto de si um prato de leite creme

—Olha que se me dizes mais uma palavra, eu não respondo por mim.

—E vai eu retorqui-lhe:—Atira-o lá, se és capaz! Atira-o, sou eu quem t'o pede.

—Julgam que ela me obedeceu? Qual! Fez pior do que isso. Voltou-se furiosa para mim e vociferou:

—Onde é que você viu servir primeiro o dono da casa do que os convidados?

—E, acto continuo, como embirrava com o meu amigo, pregou-lhe com o prato de leite creme na cara!...

—Ora aqui está uma coisa que eu não era capaz de fazer, disse a esposa do Calado.

—E ora aqui está, disse o advogado, porque eu os quero aproximar. A sua mulher obedeceu-lhe, não resta duvida. Até deve ficar muito satisfeito pelo seu grande gesto e, para a outra vez, não seja tão exigente.

E... não se divorciaram por esta vez...

(Imitadissimo do inglês por)

José Barbosa.

O Fauno, o Papo-Sêco e a Papillon



—Anda para a frente, chalado!



Uma aposta... singular

A officialidade do regimento X resolveu queixar-se ao coronel. Aquilo não podia ser! O soldo de cada um ia direitinho, no fim do mês, para o bolso do tenente Castro... Era preciso pôr còbro áquela mania das apostas... E o maldito ganhava sempre!

No gabinete do comandante, tomou a palavra o major Cunha. Disse tudo. O Castro, por dá cá aquela palha, fazia apostas, apostas a sério, escritas num papel... e ganhava sempre... sempre! Uma pouca vergonha!

—Bem, transfere-se, transfere-se... Deixem estar que eu trato da saúde a esse patife. Vou escrever para o Norte, vai apostar lá para cima, com os galegos, ver...

Efectivamente, o coronel escreveu. Escreveu a um camarada, contando-lhe o sucedido. Com a maior reserva, foram tratando a transferência do Castro. Uma bela manhã, chegou a ordem e a officialidade do regimento X respirou. O homem ia para a raia, destacado lá para cima, para a fronteira galega.

O novo comandante estava prevenido da pecha do tenente e tinha jurado meter-lhe o juizo na cabeça...

No dia marcado, á hora precisa, o Castro apresentou-se. O coronel Aguiar estava no picadeiro do regimento a ensinar uma pôdra. Era um latagão vermelhusco que tresandava saúde a meia legua de distancia. Recebeu o Castro com um risinho ironico... Muito prazer em tê-lo no regimento, sabia que era um official brioso; enfim, muito prazer, muito prazer...

O Castro desfez-se em amabilidades: conhecia de nome o seu novo comandante, um bravo, um valente... pena era aquela doença...

—Qual doença, homem? Eu sou rijo e são como um pêro!

O outro fez um olhar de quem delicadamente não acreditava.

—Ja lhe disse, tenente, pode crêr que nunca tive uma dôr de cabeça!

—Não falemos mais nisso, meu comandante! Ha doenças que nós gostamos de conservar secretas...

—Olhe, Castro, você é o homem das apostas. Aposto comigo em como não tenho doença nenhuma visível, quere? A cinco libras, quere?

—Acitava, meu comandante, se não fosse doloroso, isto é, massador para V. Ex.ª eu certificar-me pela vista...

—Pronto, homem! Aposte! Então que doença tenho eu?

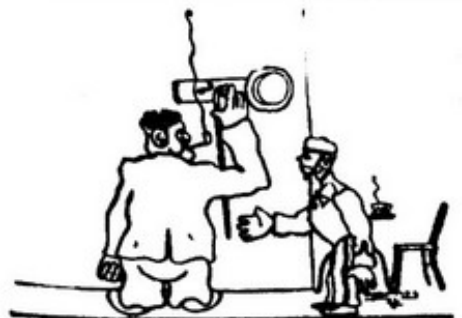
—Nesse caso, eu aposto com V. Ex.ª, meu coronel, em como padece de hemorroidal e que padece duma fórma assustadora...

O tenente Castro procedeu ao devido exame e perdeu. Recebidas as cinco libras, o comandante apressou-se a escrever para Lisboa o sucedido. O Castro estava curado, tinha perdido cinco libras! E contava a seguir em que tinha consistido a aposta... O comandante rejubilava, quando de Lisboa lhe escrevem:

«Pois sim, perdeu cinco libras, mas ele tinha apostado aqui vinte em como, no dia da chegada ao regimento, havia de vêr o... sim senhor ao coronel...»

O coronel Aguiar ia tendo uma congestão.

João Zero.



—Rapaz, chama um taxi.
—Não será melhor uma camionete?...



Os relógios do Tivoli andam bastante avariados. Quando os rigorosíssimos cronómetros dos frequentadores marcam pachorrontamente as nove e pico, o écran acuncia com descaro: *Meia-Noite!* Nós, os pacatos, estivemos quasi para bater em retirada; mas o prometedor sorriso disparado por uma fotografia de Constance Talmadge, que, no patamar, nos aguardava, decidiu-nos a ficar para apresentarmos os nossos cumprimentos a bi-oriadora da *Mana de Paris*.

Mesmo assim, foi a custo que aturámos durante *meia-noite* aquela sobredita cuja pellicula a duas dimensões com que a empresa houve por mal temperar o programa.

Meia-Noite, apesar da escuridão que entenebrece as primeiras scenas, não tem nada que vêr com o *Noite do Sepulcro* do muito falecido Soares de Passos.

Vai alta a lua, na mansão da morte! Já *meia-noite*, com vagar, soou...

A acção passa-se em Benbow. Era *ben bow* que a fita acabasse mais depressa, mas dessa estão livres os cinéfilos de gosto. É uma historia muitissimo ferroviaria, com um argumento da *trama*, de rapidos efeitos soporíferos, improprio da *estação* calmosa, tal que, se o programa não se decidisse a *fazer agulha* para as graças naturais e artificiais da Constance, *descarrilava* a sessão.

O publico *apitou* com a paralisia do Sam Allen que, se não *Foster* aquela idade, ser *Matias* e ter amamentado, na sua qualidade de *avô*, uma netasinha como a Wanda Hawley, era caso para os *passageiros* assistentes irem reclamar ao *quichê* o preço do *bilhete*.

A Wanda, apesar dos *sinais* do Richard Holt, que tem cara de *vagão de mercadorias*, *atrela-se* ao Gaston Class, que não passa dum Gaston de *III classe*. O Richard, cujo coração pende para aquela *wanda*, não perde a *linha... ferrea*, o que motiva e mesmo *locomotiva* um *choque* imminente que não consegue chocar os eminentes espectadores.

Aconselhamos ao Tivoli mudanças no *horario*.

A *Mana de Paris* é outra loiça, talvez por ser *impre... vista*, *alegre* e fresquinha como um sorvete de morango. Filme de verão, andou a tratos com a censura, que lhe amputou algumas scenas *pikies*. A proposito: ainda ha de nascer quem me explique porque razão se chama *fresco* tudo aquilo que tem o condão de elevar a temperatura...

Constance Talmadge, a quem se devem algumas das melhores comédias americanas e uma das mais acidentadas series de consorcios e divorcios de que reza a cine-historia, apresenta-nos, a par das suas seduções e da sua *verve* impagavel, um dos mais perfectos trabalhos de duplo-papel que temos visto, principalmente sob o ponto de vista fotografico. Interpretativamente falando, não fica mal dizer que a Helena aprende depressa demais a desenvoltura da *mana Lola*, mas talvez fosse de familia.

Ronald Colman, de que aguardamos impacientemente *Beau Geste*, portou-se á altura da naturalidade que marcou no *Leque de Lady Margarida*. Parabens para o seu inseparavel bigodinho maroto!

George K. Arthur rehabilitou-se do seu papel fraquinho do ha quinze dias, com um Roberto Well *very well* e incitando os dotes pianisticos da D. Regina Cascais, que, ha duas semanas para cá, não tem mãos a medir. Ninguém pode tirar maior partido daquela cara de idiota chapado que lhe deu o Deus dos azes cinematograficos.

Como nota elucidativa, talvez não seja inutil explicar que, apesar da legenda *First National Pictures*, não se trata dum filme nacional como aqueles de que daremos novas para a semana.

Retardador.

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

CANÇÃO NACIONAL
FADO DA MOITA

Mote

*A Moita, vila afamada,
junto ao Tejo caudaloso,
tem p'la uva abençoada
um vinho grande e famoso.*

Glosas

E' lá que a piada se acoita do vulgar: Moita carrasco, que tem murraça no casco e onde o forçado se acoita. Também tem o sport da Moita, que é de antiga nomeada e, se é p'lo calor banhada, quer' no v'irão ou na estiagem, manda o vinho pr'ó Friagem a Moita, vila afamada.

Da natura tem tais dons que cose bom pão nos fornos e, p'los seus grandes adornos, os da Moita é que são bons... Dos arraias ouve-se os sons do seu cantar mavioso, quando sai todo garboso para o bom peixe pescar, vai o barquinho a singrar junto ao Tejo caudaloso.

O solo, que é um tesoiro, alimenta as bacanais em palacios ideais, nonde ardem piras d'oiro... Na raça, o cunho de moiro vê-se duma era passada que p'la terra bem tratada o seu amor é crescente. Que culto que aquela gente tem p'la uva abençoada...

Não ha tasco nem salão onde não se tenha visto o seu sangue que é de Cristo nutria-teca num balcão. E' o mais lindo pifão por tão bom e saboroso como outro não ha teimoso e que escorregue tão bom. E' só a Moita que tem um vinho grande e famoso.

José Barbosa.

UM CASO EXTRAORDINARIO

Serapião Sepulveda recebeu ha dias convite duma familia amiga para ir passar com ela alguns dias á sua casa de campo.

Serapião pediu no escritorio oito dias de licença, preparou as malas e partiu.

Grande recepção, abraços de toda a familia, lauto jantar e boas pingas.

Chegada a noite, despediu-se e encaminhou-se para o quarto, instalado no primeiro andar. Assim que entrou, Serapião, sentindo uma certa necessidade fisica, procurou um objecto indispensavel onde a pudesse satisfazer, mas, por mais voltas que desse, não o conseguiu encontrar.

A suar em bica, o infeliz apertava, no meio de atroz aflicção, a sua revolucionaria barriga e da sua bôca sahiam sons exquisitos, quasi identicos ao grunhir dos porcos.

Enquanto esta tragica scena se desenrolava no andar de cima, o dono da casa, que tinha o quarto mesmo por debaixo do de Serapião, desconfiando que succedia com o seu hospede qualquer coisa de extraordinario, e com um vago pressentimento, perguntou á esposa se tinha avisado a criada para colocar um objecto de grande utilidade no quarto. A patrôa foi ao quarto da criada informar-se e voltou pouco depois para dar a desagradavel noticia que a rapariga se havia esquecido de tal.

O pobre dono da casa, compreendendo as atribulações do seu hospede, subiu ao primeiro andar com o tal objecto e bateu a porta.

Enquanto o dono da casa estava discutindo, o infeliz Serapião, não podendo resistir, vira-se obrigado a ostender no soalho um jornal e ali mesmo fazer a operação que necessitava, no louvavel intuito de, no dia seguinte, embrulhar cuidadosamente e atirá-lo para debaixo duma fogueira.

Qual não foi o seu susto quando, ao findar a operação, ouviu bater á porta. O primeiro pensamento foi retirar com tudo pela janela fóra, mas só então reparou que o quarto apenas tinha uma pequena abertura e essa mesmo a grande altura.

Para aumento do seu sofrimento, notou que a porta não tinha fecho e portanto calculou que o dono da casa, como ele não respondia, a abriria de repente. E a confirmar o seu receio, viu o fecho levantar-se. Como louco, atirou o embrulho ao ar exactamente na altura em que entrava o seu amigo. Este deu por um certo perfume que não era bom de rosas e, ao vêr a figura do pobre Serapião, contristado pelo esquecimento da criada, pediu mil desculpas.

O hospede, córado de vergonha, não conseguiu proferir uma unica palavra.

O dono da casa, porém, por curiosidade, percorreu com a vista o quarto, a vêr se descobria onde o seu amigo tinha feito a operação e estava já deveras intrigado quando, por casualidade, reparou com o corpo de delicto ornamentando o teto!

Serapião sentiu-se desmaiar. Com a mão esquerda segurou as calças e com a direita apoiou-se á cama. O seu amigo, em altos berros, chamou pela esposa e criada. E quando o pobre Serapião Sepulveda, quasi lavado em lagrimas, esperava palavras de recriminação e ser expulso por indecente, ouviu pasmado o dono da casa dizer para a esposa e criada, que do bôca aberta admiravam o teto ornamentado:

—Reparem neste caso inedito! Eu só queria que me explicassem em que posição se pôs o nosso querido hospede para conseguir fazer aquilo ali?!

Rocix.

CANTIGAS NACIONAIS

CACILHAS

Cacilhas tem um pontal,
Cacilhas tem um farol,
Cacilhas tem bom briol
e mais um posto fiscal.

Cacilhas que linda é
quando olha p'r'a cidade,
ou dá um passeio a pé
á Cova da Piedade.

Na noite silenciosa,
quando ouvir's qualquer sussurro,
deve ser a voz dum burro,
atraente e ravoica.

P'ra Cacilhas, brevemente,
vai abir-se outro horizonte,
Que uma cidade imponente
vai ser quando houver a ponte.

Cacilhas, terra dos tascos,
do burri e camarão,
do vinho, em borra, nos cascos
e do arroz de mexilhão.

Aquello que la morar
não terá mais distracções,
mas o que eu posso afirmar
é que não tem rev'luções...

Mas, por contas muito minhas,
não desanimem, ó pontes,
ponte, só quando as galinhas
um dia tiverem dentes...

Reporter B.



—Aonde vai aquele «Papo-Séco»?
—Vai chamar o Herbert Dias ao Modern Office para arranjar a maquina de escrever, pois é o unico que concerta com a maxima rapidez e competencia.

JORGE, O ELECTRICISTA

OU

O plantador d'eucalptos na Jamaica
(Romance d'aventuras anfibias)
Original de M. A. Caco Velho

Capitulo X

A condessa de Poisson Epé e Mixed Pikles, que tinham conseguido fugir num auto-clismo, conseguiram alcançar a primeira povoação—Brezundela—que fica perto de Catumbela, onde se hospedaram no Hotel Triple-Sec.

No dia seguinte, Pikles, que tinha ido dar uma volta pela povoação, entrou no Jardim Publico, que áquella hora matutina estava deserto; apenas num banco uma joven lia um romance do dr. Julio Dantas. Pikles sentou-se e cortejou a leitora. Momentos depois já entre os dois se travava um interessante dialogo.

Mixed declinou a sua identidade, declarando que era medico formado pela Universidade de Oxford ás riscas, especialista em doenças das vias ferreas, dedicando-se ainda ao estudo dos tripanosomas warrecoos e ás culturas dos bacilos da dança das sílfides.

Coube a vez á joven de referir a sua situação social.

Começou por dizer que se chamava Cheviot Sleeping-Car e que era filha do duque do mesmo nome, tendo sido seu pai um da equitação, mas

que o cavallo que montava deu um terno, indo d'encontro a uma quina dum predio. A cena fez juntar muita gente e d'entre a multidão surgiu uma dama, que logo fez conduzir seu pai para o Hotel do Valette. Ali se manteve até que, entrando em franca convalescença, foi para a sua quinta de Acetileno, proxima da cidade do Carburato. O palacio do duque fica situado a 1.275 centimetros acima do nivel de bolha d'ar. Dali disfrutaram-se as quatro estações: Inverno, Primavera, Rossio e Santa Apolonia.

Capitulo XI

Jorge e Mademoiselle Plissé entretolharam-se assombrados, mas o electricista, tomando uma resolução energica, acendeu a sua lampada de algebeira e desceu á cova que o tigre deixara. A poucos metros de profundidade, os seus pés encontraram chão firme e, olhando em redor, deparou-se-lhe uma infinidade de vazos, anforas, potes em vario queiroz. Das paredes rebentavam varias nascentes de agua-pé.

Jorge apossou-se d'alguns objectos e, apoiando-se ás paredes, fez a ascensão, indo dopôr nas mãos da sua companheira as preciosidades encontradas e seguiram a sua derrota. Poucos passos andados, quando uma serpente de cascpa surgiu pela frente, deitando-lhe a lingua de fóra, Jorge, destemido, corajoso, possuindo um caracter independente, com porta para a escada, apontou a badine á cabeça do bicho e dum só golpe cortou-lh'a rente. Era um talisman. Refeitos do susto, continuaram o seu caminho, até que na orla do bosque

avistaram a capelinha. Estavam nos dominios de Lim-Pó-Pó. Mademoiselle Plissé, ao saltar um pequeno valado, picou-se numa silva tavaros, soltando um iceberg. Jorge prestou-lhe os socorros imediatos, atando sôbro a ferida uma fita dramatica.

Lim-Pó-Pó, que enxergara os visitantes, veio ao seu encontro, fazendo a Mademoiselle Plissé um galante cumprimento á Luís Pereira, encaminhando-os para a sua cabana, onde fez a apresentação da consorte que, apesar da sua debil constituição da Republica, se mostrou alegre e satisfeita, embora ostentando uma vistosa saia de balão d'oxigenio e nas orlhas duas valiosas argolas de guardanapo. Queixava-se de dores nas cadeiras de viagem.

Enquanto Mademoiselle Plissé ficava conversando com a esposa de Lim-Pó-Pó, este conduzia Jorge até á horta.

Foi com deslumbramento que o electricista viu, entre varias novidades, uma bela sementeira de fava torrada e outra de manteiga meio sal. A bordar os canteiros, enfileirava uma infinidade de vazos com lindas plantas dos pés e formosos cravos de cabeinha de vento, além doutras flores de retórica.

Proseguindo no passeio, Lim-Pó-Pó mostrou a Jorge um belo exemplar de porca espinha de bacalhau e um bravissimo cão que, segundo ele declarou, tinha muito faro e tavora. O animal estava preso a uma cadeia do limoeiro. Mostrou, entre diversas preciosidades, uma valiosa espingarda Cropat-cheque, ao portador, e a respectiva licença de porte d'arma virumque cano, enaltecendo as qualidades excepcionais da sua espingarda.

(Continua).



O CIRCUITO DA CURIA — CONCURSO DE SEMI-EIXOS — S. CRISTOVÃO E O AUTOMOVEEL CLUB — NA VOLTA A PORTUGAL

As minhas considerações automobilistas publicadas nos ultimos numeros do Fize tiveram o condão de irritar dois *aficionados* do volante.

Um deles manda-me dizer que, para automobilista, falta-me saber de automoveis.

Isto não é verdade!

Eu tenho, sobre o automovel, ideias perfeitamente precisas. E tão precisas que não hesito em as tornar publicas.

O automovel não é, como quasi toda a gente julga, um carro que anda sem ser puxado por cavalos. No automovel, os cavalos não aparecem, mas existem. Estão numa cavaleriça chamada *capot*—guardados e ao abrigo das intemperies.

Ha mesmo, sob este ponto de vista, uma grande diferença entre os criadores hipicos e os construtores de automoveis. Enquanto os criadores declaram vaidosamente que tem oitenta e três cavalos quando só possuem vinte e sete—os construtores anunciam correntemente doze, num carro que anda... e consome como se tivesse vinte.

Como os cavalos dos automoveis são invisiveis, chamam-lhes cavalos-vapor. O seu alimento favorito é a gasolina. Este bebida é importada em latas seladas e deve ser filtrada. Apesar destas precauções medicas, os cavalos dos automoveis são muitas vezes atingidos por uma doença chamada *panne*—tão contagiosa como o mórmo ou a sarna—e que os paralisa por tempo indeterminado.

Até ha pouco tempo, o automovel servia essencialmente para rodar pelas estradas, soltando, com intervalos desiguais, o grunhido do porco na manança.

Desde a inauguração da apregoadade crise economica, o automovel desempenha dois papeis de interesse nacional.

Um deles é o de equilibrar o orçamento do Estado. Nota-se que este papel mais cabe ao automobilista que ao automovel. Nobre tarefa que e'e assume com uma modestia digna de elogio! Porque o automobilista não quer que o glorifiquem. E é por isso que os generosos presentes que faz á colectividade—fá-los sob a forma de impostos ordinarios.

O outro papel primordial desempenhado pelo automovel é o de manter a policia em bom estado fisico e moral.

De facto, os autos servem para justificar a existencia da policia de transito, cujo serviço escalonado representa mensalmente, para toda a

corporação, um razoavel numero de horas dedicadas á educação fisica.

Pelo lado moral, activa a inteligencia e a perspicacia dos agentes nomeados para a fiscalização. Não ha nenhum que não seja, hoje, capaz de cronometrar com uma simples *cebola* prehistorica a velocidade exacta de todos os automoveis...!

Rebola-A-Bola.

A's corridas do Circuito da Curia, que decorreram com um brilhantismo fóra do vulgar, faltaram os azes do Chiado e da Avenida, porque se tinha espalhado que era uma temeridade o que se ia fazer e chegou-se mesmo a afirmar que era o Circuito da Morte! Afinal não se deram deastres, nem felizmente morreu ninguém, porque esses *az...ilhas* ficaram todos por cá a atropelar os passeios e a incomodarem toda a gente com o escape livre!

Alfredo Marinho, o esplendido az do norte, teve um unico competidor para o seu *Bugatti*, que se inscreveu á ultima hora. Foi Monís Pereira que, não tendo a pretensão de ser o az do sul, se ofereceu para correr no minusculo mas formidavel F. N., da Volta a Portugal. Para isso, tirou o *pare-brise*, a *capota* e o silencioso, classificando-se brilhantemente com 13 minutos de atraso do vencedor. E, se não fosse forçado a fazer uma paragem ao fim da primeira volta, para tirar o *capot*, melhor teria sido o seu tempo.

Uma gentil espectadora que seguia com entusiasmo a corrida, disse ao José Aguiar:

—Isto são coisas do Tété Burnay, que vai com o Monís Pereira. Daqui a pouco tiram a *carrosserie* para terem a impressão de que correm nús!

João Ramos, o invencivel concorrente do Quilometro de Arranque, no Campo Grande, para não se tentar no Circuito da Curia, levou a sua esplendida *conduite* «Auburn», para deslumbrar os hospedes do Palaeo. O sucesso foi de tal ordem que o Alexandre de Almeida, para evitar aglomerações á porta do Hotel, não lhe deu quarto. João Ramos, que deixou de ser poeta para se dedicar ao *reclame* da marca que representa, partiu para o Luzo como uma fera.

Alguem que o viu partir lembrou-

se de repetir a *blague* quando da corrida do Campo Grande:

—Cá vai mais um «Aus-bordos»...

* * *

Marinho, no *Bugatti*, podia ter feito um percurso em melhor tempo se não fôsse um policia que, na curva da estrada nacional para a Anadia resolveu fazer a sinalização com o *casse-tête*, em virtude dos organizadores não terem mandado para lá um seu delegado fazer a sinalização com as bandeiras. Marinho, ao ver o sinalero apumado a indicar-lhe o caminho desimpedido, imaginou que estava na rua de Santo Antonio e abrandou, receando que os terriveis policia das multas estivessem perto...

* * *

Felix da Costa teve a sorte de ser encarregado do *contrôle* na Anadia, cumprindo rigorosamente a sua missão. Como é uma pessoa muito metódica, teve tempo, nos intervalos, de ir para a porta de D. Emilia Seabra de Castro aprender a assar leitões á moda da região.

Dizem-nos que, quando regressar á Praia das Maças, vai experimentar temperá-los com *Castrol*, que ele afirma ser o az dos temperos...

* * *

Artur Mimoso, a quem tinha sido dado o *contrôle* de Mealhada, preferiu ficar no Luzo, a aguas. Porque seria?

* * *

A tribuna do juri d'honra, no Circuito da Curia, ficou deserta porque o sol batia lá de chapa. Os ministros e mais entidades que compunham o juri foram forçados a tomar lugar na tribuna em frente, destinada ao publico.

O Fize surpreendeu nessa ocasião uma conversa entre dois velhos *sátiros* que, não receiando os raios ardentes do sol, combinaram instalar-se na tribuna para fazer um concurso de pernas. Era difficil classificá-las porque havia-as maravilhosas, de todos os formatos e feitios.

Como se tratava de uma manifestação automobilista, resolveram dar-lhe o nome de Concurso de Semi-eixos (Circuito das Bancadas).

E os dois velhos *sátiros* não se resolviam a classificar porque, embevecidos, embasbacados diante de tanta beleza, esqueciam tudo.

Finalmente, reuniram e declararam *hors concours* todas as senhoras, dando o 1.º premio, categoria *camion* de 5 toneladas, aos semi-eixos de Sebastião Teles; o 2.º, *camionette*

de 1 tonelada, aos semi-eixos de João Soares. O premio de consolação foi, depois de longa discussão, atribuido ao velho actor Erico Braga, que se apresentou muito bem *carrossado* mas com semi-eixos de turismo e de polainas!...

(Do nosso enviado especial, hospede do Palaeo, quarto 253).

Um grupo de senhoras elegantes resolveu fazer este ano uma festa na capela de S. Cristovão, patrono dos automobilistas. E fez um apelo a todos os automobilistas, começando pelos *chauffeurs* de praça, que, concordando plenamente com a ideia, concorreram com o seu obulo.

Como era natural, a comissão de senhoras fez igual pedido á direcção do Automovel Club. Foi esplendidamente recebida, como era de esperar, e, depois de longa conferencia, os directores resolveram contribuir com a ridicularia de 200 escudos!

Houve alguem que atribuiu esse insignificante donativo ao facto dum dos directores do referido Club ter nestes ultimos tempos vendido muito poucos S. Cristovãos no seu *stand* apalaçado!

Não ha o direito de o unico Club automobilista que temos, não patrocinar mais largamente tão simpatica ideia, quando para a Semana dos Hospitais concorreu com uma verba avultada.

A actual direcção do Automovel Club entende que a sua missão se deve limitar apenas á propaganda de automoveis para vender, e não ao *sport* automobilista.

Quando deixarão os *botas de elastico* de entrar tudo?

E porque não olham para o esplendido e admiravel exemplo que acaba de dar D. Antonio Heredia, inscrevendo-se para as provas do Circuito da Curia e fazendo correr, além do seu carro, mais três?

Monís Pereira, quando fez a Volta de Portugal com o seu esplendido F. N., resolveu descansar uns momentos á sombra dum pinheiro, á beira da estrada. Um burro que andava proximo lembrou-se de manifestar a sua admiração pelo F. N. e desatou a rurrar com tal violencia que acordou Artur Mimoso e Monís Pereira que, voltando-se para o seu companheiro, perguntou irritado:

—Quem mandou pôr o despertador para esta hora?

Chico-leiro entupido.



ELE: — Porque chamarão a isto cosido á Portu-
gueza?
ELA: — Oh filho, por ser temperado por muitos...



— Dizem que ontem á noite abriste a cabeça ao
«Chico Zaragateiro»? Como é que foi isso?
— Ora! Como havia de ser... Com uma chave.

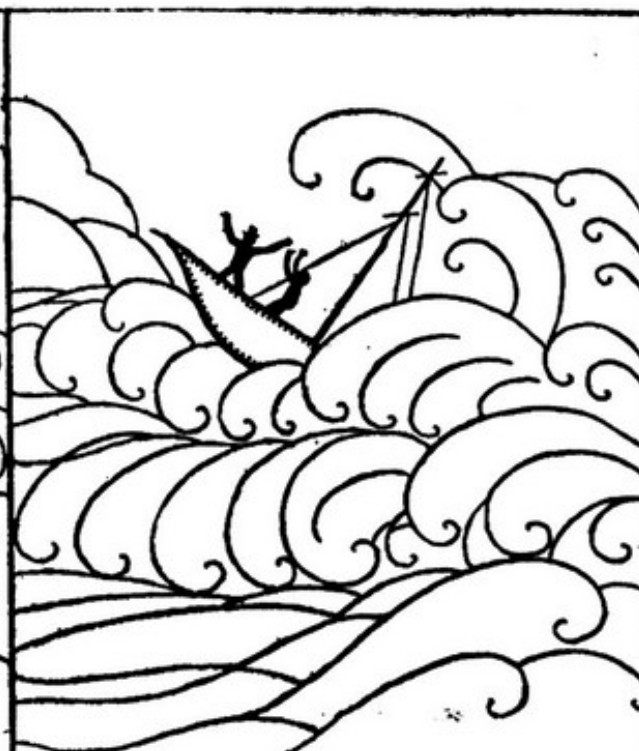
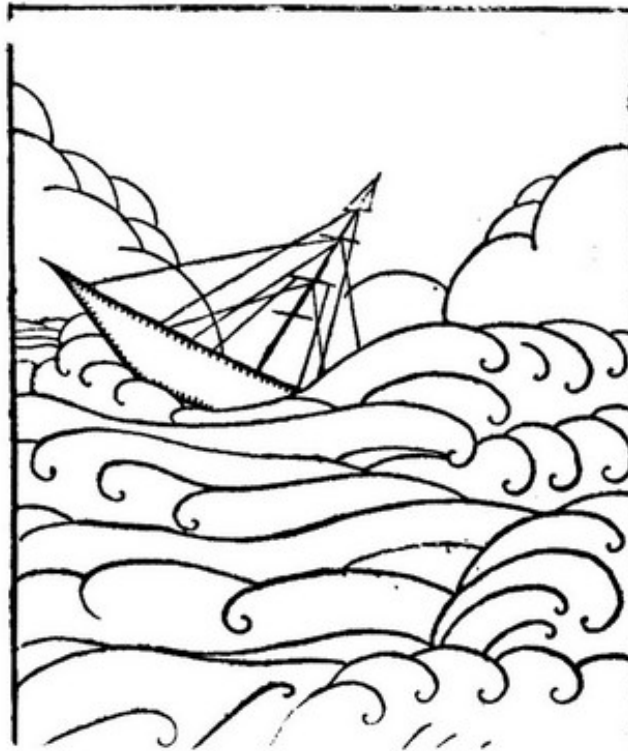


— Pode beber á vontade, menina, porque é agua de Andaluz. Mata
a sede e não mata a gente como a do Gerez.



— Que diriam os nossos avós se viessem cá vêr este belo tango?
— Ora, filha, diriam que não ha dança como o minuete.

UM CONTO JUDEU



— PORQUE CHORAS, LEVY?
O BARCO ERA TEU?

D. J. Vas